

Virtualidades em Movimento e Ciberdemocracia: #foramicarla em Natal - RN

Fernando Vicente Alves Belarmino de Macedo ¹

fernando.kde@gmail.com

Lucimara Rett ²

lucimararett@uol.com.br

Maria da Graça Silveira Gomes da Costa ³

mariaggomes@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo: O movimento #foramicarla, engendrado a partir das redes sociais, pode ser considerado um marco no uso das redes sociais e comunidades virtuais como plataforma de mobilização política. Por meio da etnografia, como base teórico-metodológica, buscou-se investigar o uso da internet e do ciberespaço como lugares de articulação e mobilização social durante a manifestação ocorrida, em 2011, na cidade de Natal – RN, pedindo o *impeachment* da atual prefeita da cidade, Micarla de Sousa. O *Twitter*, utilizado como meio de articulação do movimento, e a *Twitcam*, principal suporte para as transmissões das atividades diárias dos manifestantes, durante o acampamento de ocupação da Câmara Municipal de Vereadores de Natal, corroboraram para a consolidação de um espaço heterogêneo e democrático por excelência, para práticas políticas contemporâneas, naquilo que podemos chamar de ciberdemocracia.

Palavras-chave: Redes Sociais; Tecnologias de informação e comunicação; *Twitcam*; Movimentos Sociais; #foramicarla.

Abstract: #foramicarla movement, begotten from social networks, can be considered a milestone in the use of social networks and virtual communities as a platform for political mobilization. Through ethnography, theoretical and methodological base, we sought to investigate the use of internet and cyberspace as places of articulation and social mobilization during the protests held in 2011 in Natal - RN, asking for the impeachment of the current mayor city, Micarla de Sousa. Twitter, used as a means of articulating the movement, and Twitcam, main support for the broadcasts of the daily activities of the protesters, during the occupation camp of the City Council Chamber, corroborated for the consolidation of a heterogeneous and democratic space par excellence to contemporary political practices, what we call cyberdemocracy.

Key-words: Social Networks; Information technology and communication; Twitcam; Social movements; #foramicarla.

Resumen: El movimiento #foramicarla, engendrado a partir de las redes sociales, puede ser considerado um hito en el uso de redes sociales y comunidades virtuales como una plataforma de movilización política. A través de la etnografía, como base teórica metodológica, buscamos investigar el uso de la internet y del ciberespacio como lugares de articulación y movilización social durante la manifestación que tuvo lugar en 2011, en la ciudad de Natal-RN, pidiendo la destitución de la actual alcalde de la ciudad, Micarla de Sousa. El *Twitter*, utilizado como medio de articulación del movimiento, y la *Twitcam*, principal apoyo para las emisiones de las actividades cotidianas de los manifestantes durante el campamento de ocupación del Ayuntamiento de la Ciudad corroboran para la consolidación de un espacio democrático y heterogéneo por excelencia para la práctica política contemporánea, lo que podríamos llamar ciberdemocracia.

Palabras clave: Redes Sociales; Tecnologías de la información y la comunicación; Twitcam; Movimientos sociales; #foramicarla.

Introdução

O movimento #foramicarla, engendrado a partir das redes sociais como o *Orkut* e o *Facebook*, e que pede o *impeachment* da prefeita da cidade de Natal - RN, Micarla de Souza, vinha ganhando força desde o início de 2010, com pequenas manifestações nas ruas, como o bloco carnavalesco Xôinseto⁴. No entanto, foi a partir da manifestação do dia 25 de maio de 2011, articulada, principalmente, por meio do *Twitter*, que o movimento ganhou força e notoriedade popular.

A partir de 2008, com o crescimento das ferramentas de mídia social, com destaque para os usos informativos do *Twitter* e as possibilidades de relacionamento do *Facebook*, o cenário ficou mais complexo, pois se criou um fluxo intenso de informações produzidas e/ou disseminadas pelos próprios usuários, sem necessidade de mediação institucional (CARVALHO, 2011, p. 102).

Quase mil pessoas, em sua maioria estudantes, pararam uma das principais avenidas da cidade e, a partir daí, o movimento ganhou vários adeptos das mais diversas esferas sociais. Depois dessa manifestação, mais dois atos públicos foram organizados, de novo por meio das comunidades virtuais, culminando na ocupação da Câmara Municipal de Vereadores de Natal (CMN) pelos manifestantes no dia 11 de Junho de 2011, pedindo o estabelecimento de uma Comissão Especial de Investigação (CEI) acerca dos contratos de aluguéis e serviços feitos pela prefeitura durante a gestão de Micarla de Souza. Esse acampamento, batizado pelos manifestantes de “Acampamento Primavera Sem Borboleta” durou 10 dias e contou com mais de 50 acampados fixos, além de um incontável número de manifestantes, curiosos, políticos e jornalistas que visitavam a CMN diariamente.

Por meio desse acontecimento, que assumiu contornos de um modelo mais clássico do fazer político, percebe-se um hibridismo de práticas militantes mediadas pelo uso de tecnologias como a *Twitcam*⁵ e da transmissão ao vivo 24 horas, ao mesmo tempo em que foi estabelecido o diálogo com instituições como a Ordem dos Advogados do Rio Grande do Norte (OAB/RN), com os partidos políticos e com a grande imprensa na negociação junto aos vereadores da casa.

Com as possibilidades trazidas ou reforçadas pela Web 2.0, o público tornou-se fonte de informação, muitas vezes noticiando antes dos veículos de referência. Basta um aparelho móvel conectado para que sejam publicados relatos por meio de vídeo, texto e fotos, direto do local dos acontecimentos (CARVALHO, 2011, p. 101).

Assim, tomando-se o movimento como objeto de estudo, foi feita uma investigação acerca da função da internet e do ciberespaço como locais de articulação e mobilização social, bem como de práticas políticas contemporâneas.

Prosumers e movimentos sociais

A convergência das mídias, por suas características, não pode ser considerada somente pelo aspecto tecnológico, mas, sobretudo, social e cultural, como definiu Henry Jenkins:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p. 29)

A concepção de convergência trouxe à luz, a cultura participativa (ou colaborativa), onde não se pode mais considerar a passividade dos receptores dos diversos meios de comunicação tradicionais. De acordo com Cecilia Almeida Salles (2009, p. 141), "há, nas propriedades associadas à interatividade, algo que, para compreendermos as conexões da rede da criação, parece-nos importante destacar: a influência mútua – um elemento agindo em outros e sendo afetado por outros elementos".

A cultura participativa ganhou maior articulação e visibilidade com o advento das redes sociais no Brasil. O país destaca-se mundialmente no uso da ferramenta.

O Brasil é o quinto maior mercado do mundo para redes sociais *online*, segundo uma pesquisa da empresa comScore, que mede audiência na Internet. No país, sites de relacionamento social tiveram 35,2 milhões de visitantes únicos em julho de 2010. Os Estados Unidos lideram o *ranking*, com 174 milhões. Vemos que o Brasil está à frente de países desenvolvidos mas não tão populosos, e também de algumas nações emergentes com imensa população. Em uma reportagem da revista americana Time sobre a popularidade do Twitter no Brasil, a vice-presidente de vendas internacional do Twitter, Katie Stanton, caracterizou o povo brasileiro como "voraz". Outros especialistas entrevistados confirmam esse status e dão outros insights como a democracia, a queda da barreira entre celebridade e público e a sede por tendências de fora do país, justificando a transformação do Brasil num ambiente extremamente participativo nas redes sociais (GIARDELLI, 2011, p. 58-59).

Rapidamente, as redes sociais foram apropriadas e transformadas em mídias sociais, fenômeno que impacta a maneira como a informação circula, favorecendo um momento de hiperconexão entre grupos e comunidades.

O que muitos chamam de "mídia social" hoje, compreende um fenômeno complexo, que abarca o conjunto de novas tecnologias de comunicação mais participativas, mais rápidas e mais populares e as apropriações sociais

que foram e que são geradas em torno dessas ferramentas. É um momento de hiperconexão em rede, onde estamos não apenas conectados, mas onde transcrevemos nossos grupos sociais e, através do suporte, geramos novas formas de circulação, filtragem e difusão dessas informações (RECUERO, 2011, p. 14).

Aliado ao advento, tanto da cultura participativa, como das mídias sociais, temos, ainda, o crescimento da oferta de tecnologia *mobile*, bem como uma maior facilidade de acesso à mesma, no Brasil, o que promove a participação e interatividade por parte dos usuários das redes sociais.

Quando o celular saiu dos laboratórios, há menos de 30 anos, era difícil imaginar que ocuparia o lugar da estrela no tradicional mercado de telecomunicações do futuro. Em 2011 os acessos no Brasil pela conexão 3G ultrapassam a banda larga tradicional. Mesmo sem a pretensão de servir a centenas de milhões de pessoas, o que seria apenas para falar se transformou em um vasto filão de produtos e serviços em rede (FERNANDO, 2011, p. 39).

Este contexto, portanto, favorece a atuação dos *prosumers*, neologismo criado a partir da fusão dos termos, em inglês, *producer* (produtor) e *consumer* (consumidor), proposto por Alvin Toffler (1980), que designa o novo papel do consumidor na pós-modernidade, bem como uma nova relação entre produção e consumo de informação. Com o suporte tecnológico *mobile* e com o acesso às mídias sociais, o indivíduo produz, não somente para si, mas passa a compartilhar essa informação por ele produzida – e outras que ele apenas reproduz – com um grande número de pessoas conectadas.

Basta um computador ou um telefone celular e um sinal de Internet e espalhamos crenças, valores, sentimentos e fatos, falamos daquilo que amamos ou detestamos em blogs, vídeos, fotos, microblogs, ferramentas de geolocalização, etc. Desenvolvemos conteúdo e passamos a ser relevantes para uma ou mais pessoas, influenciando decisões (LOUREIRO, 2011, p. 79).

Jenkins (2009, p. 30) explica que “a expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação”. Essa condição propicia o desenvolvimento de novas narrativas no ciberespaço.

Há 15 anos, quem imaginaria que email ou celular seriam assim tão parte de nós? O desenvolvimento da democracia digital e a possibilidade de criação de narrativas segmentadas por interesses, geradas a partir de *inputs* emergentes que utilizam vários recursos, meios e canais para o afloramento espontâneo de uma nova democracia social, está sendo capaz de transformar as narrativas sociais no mais novo território de disputa e luta na sociedade informacional (FERRARI, 2011, p. 97-98).

Diante o cenário exposto, há que se considerar, ainda, o alcance que essa informação obtém por meio da hiperconectividade entre os usuários das redes sociais. As mídias sociais potencializam o *buzz*,

[...] que é a amplificação do boca a boca, a capacidade de provocar discussões e fazê-las alcançar o máximo de audiências. Todos os dias são

criadas estratégias de marketing e comunicação que têm como principal objetivo “viralizar” uma mensagem para aumentar exposição e influência (LOUREIRO, 2011, p. 80).

Todas essas condições favorecem a utilização do ciberespaço como ágora cibernética. Os manifestantes dispõem de novas ferramentas e, com o domínio da tecnologia e a disponibilidade de conexões com a internet, podem conseguir um alcance antes inimaginável e obter relevância e repercussão das suas causas.

Mas para que a informação estruturada relevante socialmente aconteça, à margem avassaladora da utilização de sistemas que proporcionam a conversação, é necessário que se construam tecnologicamente ambientes baseados em redes sociais, mas possuindo a intencionalidade de se construir informação estruturada e relevante socialmente (LIMA, 2011, p. 25).

Dessa maneira, o ciberespaço se apresenta como um local heterogêneo e democrático, por excelência, propício à cultura colaborativa e, portanto, também à formação de comunidades com interesses ou idéias em comum, que pode servir como extensão *online* dos movimentos sociais.

O que mudou? A mobilização social? Não, essa não. Sempre existiu e provavelmente nunca deixará de existir na história humana. Juntos, sempre tivemos mais força para lutar contra o que não achávamos certo. As mobilizações sociais derrubaram reis, mudaram sistemas econômicos, trouxeram novas formas de ver o mundo. A novidade é como esses grupos se comunicam. [...] hoje, tudo pode ser feito *online*. Bastam instantes para atingir um número enorme de pessoas. O custo de participação é menor e o leque de temas e opções é infinitamente maior. E se é mais fácil participar em diferentes frentes, cresce também o impacto do que está sendo feito (BARRETO, 2011, p. 162).

Assim, a mobilização social se torna uma manifestação híbrida, mesclando a ocupação do espaço físico com o ciberespaço, o que pode impactar na sua forma, mas não na sua essência.

A internet e as ecologias humanas

Todo grupo organizado, balizado pelo contexto em que foi concebido, cria um discurso de legitimação que serve para arregimentar e convencer seus integrantes a lutar por seus ideais. Desde o fim dos anos 1980 com a disseminação mais ampla do fenômeno da globalização vemos novos elementos se consolidarem na forma como as sociedades veem a si mesmas e, conseqüentemente, na forma como se explicam.

Dentre vários fatores que caracterizam o mundo globalizado, podemos destacar a noção de “instantaneidade” e “desterritorialização” criada pela disseminação e penetração dos meios de comunicação de massa no mundo como um todo. Dessa forma, eventos que ocorrem em locais e fusos horários distintos são transmitidos e noticiados ao vivo e uma rebelião que

acontece em um país é acompanhada diariamente com apreensão por pessoas do outro lado do globo. Da mesma forma, as mídias sociais corroboram com esse processo.

[Elas] são grandes facilitadoras, uma vez que sincronizam diferentes grupos espalhados num mesmo país ou no mundo, facilitam a coordenação das ações e ajudam a documentar o que está acontecendo. E por mais que se questione o grau de ativismo destas redes, estudos já apontam que as mídias sociais, ao contrário de uma visão comum, estão expondo mais pessoas a questões humanitárias e sociais (BARRETO, 2011, p. 163).

A internacionalização de capitais, informações e pessoas contribuiu para um enfraquecimento do conceito de estado-nação, trocado cada vez mais por instituições e crenças supranacionais.

Para Guattari (1987), o Capitalismo Mundial Integrado (termo, segundo ele, preferível à globalização que estaria muito ligada às noções economicistas do fenômeno da “mundialização” contemporânea) colonizou o conjunto do planeta, de forma que nenhuma atividade humana e nem setor de produção ficam de fora de seu controle e da disseminação de suas tecnologias.

Segundo o autor, a inovação tecnológica abre, todos os dias, novas possibilidades de interação e põe em marcha a produção das máquinas. Máquinas, na concepção de Guattari, podem ser entendidas como uma organização de fluxos, uma engrenagem de produção regida por forças que circulam e afetam o mundo. Elas engendram-se umas às outras, selecionam-se, eliminam-se, fazendo aparecer novas linhas de potencialidades e agenciamentos. A semiotização capitalista codifica essas mudanças rapidamente propondo (re)significações próprias.

No entanto, a proliferação maquínica ultrapassa a capacidade de recentralização e axiomatização do sistema. Produz em suas margens, mas também em seu coração, áreas de autonomia temporariamente desorientada, aberta a outros trabalhos de interpretação.

A idéia da produção maquínica da subjetividade é especialmente relevante ao pensarmos a internet e os seus usos como espaços de montagem de agenciamentos coletivos. Aqui, a tecnologia não vai mais ser entendida como acessório a ser utilizado, mas como objeto de composição dos sujeitos (OLIVEIRA, 2005).

As tecnologias correspondem à subjetividade coletiva dos “humanos-coisas” na sociedade. Assim como a escrita e a posterior reproduzibilidade técnica em jornais e livros foi uma invenção sociotécnica revolucionária, a informatização trazida pelo uso do computador representa uma mudança de paradigma que corresponde ao nomadismo das redes e fluxos internacionais e que transforma, de maneira significativa, o que Guattari chamou das três ecologias: o meio-ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana (GUATTARI, 2002; LÉVY, 1993).

A internet permitiu a criação de um novo espaço de interação humana – o ciberespaço – que vem se revelando como um lugar privilegiado para o desenvolvimento de novas possibilidades de experimentação da vida coletiva, constituindo-se em uma espécie de ágora virtual da contemporaneidade, em especial, através das redes sociais e comunidades virtuais.

Há um novo ecossistema midiático em formação, contendo os meios de comunicação analógicos, surgidos a partir das concepções econômicas da Revolução Industrial, e as redes digitais conectadas, que possuem conexões topológicas descentralizadas e de baixa hierarquia, fornecendo novas possibilidades de consumo de conteúdo e alterando a relação estabelecida, pelo modelo broadcasting, entre a audiência e as suas preferências informacionais. Nessa estrutura informacional emergem possibilidades de estabelecer diferentes tipos de relação entre emissor de conteúdo informativo de relevância social e a audiência (LIMA, 2011, p. 24).

Para Pierre Lévy (1993) as tecnologias agem, enquanto máquinas, forjando uma cognição coletiva, através de jogos cooperativos em que acumulam conhecimentos, sendo assim, é preciso pensar nos efeitos da subjetividade nas redes de interface e nos mundos que emergem provisoriamente de condições ecológicas locais.

O ciberespaço, segundo Lévy (2003), se caracteriza pela inclusão, transparência, universalidade e pela interlocução entre todos os sujeitos conectados, gerando simetria na comunicação. Essa maior acessibilidade à informação produz, de acordo com o autor, cidadãos politicamente mais ativos e socialmente mais conscientes, o que implica em novas exigências políticas. Desta forma, as redes sociais trazem à cena uma conjuntura política diferenciada que viabiliza novas formas de mobilização social de maneira contra hegemônica, causando uma ruptura com os modelos tradicionais de mobilização política que se caracterizam pela predominância dos partidos políticos como organizadores de mobilização, com protestos na forma de passeatas e piquetes, pela invisibilidade das mídias de massa e pela repressão do Estado. O modelo contemporâneo de mobilização política e social se distingue pela descentralização dos movimentos sociais, que não são mais organizados, mas disputados pelos partidos.

Essa mobilização se dá de forma rizomática, através das teias de contatos nas redes sociais, onde protestos em forma de petições virtuais, *flashmobs*, abaixo-assinados *on-line*, entre outros, são articulados. Fernando Barreto (2011, p. 163), acrescenta que “se tudo começa com pequenos passos como mudanças no avatar, *tweets* e assinaturas de petições *online*, alguns seguem adiante, participam de discussões, aprofundam no tema e promovem ações ainda maiores e chegam a incluir essas lutas no seu dia-a-dia”. Esse modelo molecular do fazer político se opõe à política-espetáculo que personaliza as questões,

massificando e impedindo a participação ativa e autonomia dos cidadãos na vida política e social das cidades (LEVY, 1998).

A partir dos anos 1990, a falência do modelo tradicional de organização partidária na sociedade neoliberal impulsiona o processo de desmobilização geral dos movimentos populares a nível mundial (NEVES, 2007). Com a posterior popularização das redes sociais, vemos um contrafluxo nessa tendência, revigorando as iniciativas populares. Nesse contexto, a emergência das comunidades virtuais de base territorial dentro das redes sociais contribui para “a renovação da democracia local e para a intensificação de todas as formas de laço social fundadas na proximidade geográfica” (LEVY, 2003, p. 377) e esse processo permite que movimentos como o #foramicarla e a Primavera Árabe⁶, possam emergir. Cientes de que existem condições estruturais no mundo que proporcionam o aparecimento de movimentos contra hegemônicos em diferentes continentes, os manifestantes se inserem nesse movimento mais amplo, notadamente ligando o #foramicarla aos eventos que ocorreram no mundo árabe, a primavera árabe. Essa adesão é notável no discurso dos manifestantes, como vemos nesta fala destacada em uma reportagem de Matheus Magenta (2011, *online*)⁷ para a Folha de São Paulo: “A insatisfação em Natal começou por questões locais, mas acabou se conectando com as revoltas árabes principalmente no uso da internet, que leva as críticas às ruas de maneira pacífica”.

Virtualidades em movimento

A etnografia se apresenta como base teórico-metodológica viável para o acompanhamento dos diversos processos que se desenrolam em um espaço privilegiado de interação como os movimentos sociais, levando em consideração, na pesquisa, a dimensão subjetiva dos acontecimentos. Dessa forma, o trabalho de campo consistiu na observação e participação do cotidiano do acampamento Primavera Sem Borboleta, desde as maiores mobilizações, até a as ações diárias, como a limpeza do chão e a divisão de tarefas entre os acampados. O acampamento foi montado no pátio interno da CMN – Câmara Municipal de Vereadores de Natal – após três grandes mobilizações populares, todas articuladas por meio das redes sociais *online*. Ele foi, portanto, um ato corporificado daquilo que já vinha sendo tratado há algum tempo na *web*. Na sua estruturação, cerca de 50 jovens se fixaram na Câmara, com suas barracas e colchões infláveis (figura 1).



Figura 1 – Acampamento montado na CMN – Câmara Municipal de Vereadores de Natal.
Fonte: Pedro Feitoza – junho de 2011.

Os acampados foram recebidos de forma pacífica pelos funcionários da CMN, isso em meio ao expediente de trabalho dos funcionários da casa, que desempenhavam suas funções de trabalho, dentro do possível.

Durante os dias em que se mantiveram na Câmara, os manifestantes contaram com a colaboração de cidadãos e algumas instituições como sindicatos de trabalhadores, que doavam dinheiro, comida, material de limpeza e todo o tipo de material necessário para a sobrevivência do grupo. Esse, no entanto, manteve-se, acima de tudo, a partir de cotas e solidariedade mutua entre seus participantes. Foram montadas comissões responsáveis pela organização, limpeza, defesa e alimentação dos acampados, ao mesmo tempo em que outros grupos de trabalho, como a comissão jurídica e a jornalística, se articulavam com outros grupos para manter o acampamento em funcionamento.

A mistura de chuvas, de calor excessivo e de racionamento de banhos (só dois banheiros estavam disponíveis para os manifestantes), criavam uma atmosfera de fortes cheiros que incomodavam os visitantes não acostumados.

O dia a dia na CMN era marcado por grande euforia e grande medo, pois não era possível determinar quanto tempo mais eles poderiam ou não continuar seu protesto na Câmara, e perpetuavam sua estadia através de vários *habeas corpus*. Tampouco era possível determinar se as doações de marmitas, feitas pelos sindicatos, iam ou não ser suficientes

para os acampados do dia, já que o acampamento era aberto e o número de participantes variava de acordo com o dia. O sentimento de paranóia era alimentado por rumores de que espões se infiltravam no movimento e de que o comando da polícia civil agiria com violência se fosse necessário para que se retirasse os acampados.

Um dos elementos particulares que chamam a atenção analítica no movimento é o que se chamou posteriormente de TV #Xôinseto, criada com a utilização do recurso *Twitcam*, ferramenta de comunicação audiovisual que interage com o microblog *Twitter*. Usando a estrutura conceitual proposta por Hannerz no seu artigo “Fluxos, híbridos e fronteiras”, fazemos uma análise de aspectos culturais que perpassam a questão da sociabilidade e do debate político. Dessa forma, caracterizamos o acampamento primavera sem borboleta como um espaço de fronteira, no sentido de que ali convergiram uma série de movimentos e acontecimentos que não se aglutinariam de outra forma (HANNERZ, 1997).

Nesse novo híbrido, formado ali, a *Twitcam* desempenhou um papel importante. Com a popularização de computadores móveis, *netbooks* e *smartphones*, somada à disseminação cada vez maior de redes de internet sem fio, tanto no formato *Wi-Fi* como no 3G, vimos as condições tecnológicas necessárias para algo novo na comunicação do movimento.

Carril Fernando (2001, p. 41), acrescenta que “a Internet nos aparelhos móveis corre mais rápido que o mundo em tela grande, pois sempre recomeça com novos paradigmas, aproveitando pouco o seu legado. O futuro deve passar a adicionar funcionalidades em qualquer rede como o *Wi-Fi*”. Cientes dessas novas tecnologias, os manifestantes colocaram uma câmera ao vivo, que transmitia pela internet, 24 horas por dia, todos os dias do acampamento. Esse novo fator, híbrido do modelo clássico e do contemporâneo, faz uma fusão dos dois que traz implicações para a análise.

Dar a uma coletividade o meio de proferir um discurso plural, sem passar por representantes, é o que está em jogo, do ponto de vista tecnopolítico, na democracia do ciberespaço. Essa fala coletiva poderia, por exemplo, apresentar-se como uma linguagem complexa ou um espaço dinâmico, um mapa móvel das práticas e idéias do grupo. Cada um poderia se situar em um mundo virtual para cujo enriquecimento e modelagem todos contribuiriam por meio dos seus atos de comunicação (LÉVY, 1998, p. 66).

Um das coisas que notamos é que essa nova tecnologia vem cercada de um discurso falacioso. A maior vantagem da *Twitcam*, segundo os manifestantes, é poder criar um canal de comunicação de duas vias, entre manifestantes físicos e virtuais, a fim de que os virtuais pudessem ver o que acontecia no manifesto físico e, como *feedback*, deixassem mensagens através do *Twitter*, ou seja, participando também.

Podemos definir a mídia social como aquela utilizada pelas pessoas por meio de tecnologias e políticas na Web com fins de compartilhamento de opiniões, idéias, experiências e perspectivas. Tem como características o formato de conversação e não de monólogo; procura facilitar a discussão

bidirecional e evitar a moderação e a censura; tem como protagonistas as pessoas e não as empresas ou marcas, isto é, quem controla sua interação com as corporações são os próprios usuários; tem como principais valores a honestidade e a transparência; e privilegia a distribuição em vez da centralização, uma vez que têm diversos interlocutores que tornam a informação heterogênea e rica (TERRA, 2011, p. 86).

O fato é que essa comunicação, apesar de suportada por uma mídia social, não aconteceu bidirecionalmente. Os militantes físicos ficaram completamente absorvidos na experiência intensa que estavam vivendo e acabaram não recebendo as mensagens deixadas no *Twitter*, que por sua própria estrutura, impede uma recuperação das mesmas, acabando com a segunda via da comunicação. Apesar de se fundamentar em um discurso que não corresponde às práticas, a *Twitcam* teve conseqüências não analisadas pelos manifestantes, que são extremamente positivas para o movimento no sentido de que, ao deixar mensagens no *Twitter* da câmera, o manifestante virtual aumentava o seu sentimento de pertencimento ao movimento físico, o que reforçava o movimento como um todo, de forma recursiva à medida que isso se espalha entre todos os espectadores virtuais. Além disso, também era uma forma dos manifestantes físicos acompanharem o acampamento quando não podiam estar presentes por algum motivo, como trabalho.

Existe um resgate de pertencimento dentro dessas redes; mais pessoas têm voz para falar de assuntos que lhes interessam com maior ou menor conhecimento de causa, sem hierarquia e com pluralidade de olhares. Uma vez parte de um grupo, mais forte e mais ligada a uma determinada causa a pessoa fica (BARRETO, 2011, p. 163).

Outro elemento que a *Twitcam* traz, é a dicotomia já conhecida da câmera de televisão tradicional, que é a questão da fronteira entre ação e performance, mas que é analisada de forma insuficiente exatamente por causa desse paralelo com a TV. Ao fazer um paralelo com a câmera tradicional, os manifestantes imputam à *Twitcam*, um alcance que ela não possui, refletindo em uma preocupação exagerada com a performance, a qual se mostra infundada, na prática.

São duas posturas porque são duas plataformas. A reação corporal, de quebra, alerta sobre como a Internet se dilui tranquilamente com a comunicação massiva. A conversa entre vários, ou todos-todos, já existia, embora não houvesse forma tecnológica que permitisse a organização dos diálogos. A integração das plataformas – e das posturas – nos coloca à mercê de um consumo social de conteúdo. Só não vale esquecer que a mídia social valida ainda mais a iconografia da televisão. [...] E não parece haver, pelo menos no médio prazo, a possibilidade de suprimir a contemplação que a TV traz. Mas essa mistura potencializa a busca do ser humano por um discurso que construa um sentido. Agora, com a mídia social, conversando mais com o fazedor de sentidos. E, quando possível, transformando o sentido para os outros - os seguidores (SPECK, 2011, 119).

A *Twitcam* nos parece, portanto, no caso de sua utilização pelos manifestantes de #foramicarla, muito mais próxima do panóptico⁸ (FOUCAULT, 2004) do que da câmera de TV tradicional (BOURDIEU, 1997).

Em um ambiente caracterizado dessa forma, é previsível que exista uma grande dose de criatividade cultural (HANNERZ, 1997). Escolhemos, então, um movimento pontual que ilustra situações desse tipo, que analisamos pelo método etnográfico.

O momento em questão se refere à expulsão do POR – Partido Operário Revolucionário – do acampamento, expulsão essa na qual os anarquistas e apartidários participaram ativamente. Em certo momento, o referido partido entrou no acampamento distribuindo panfletos que deslegitimavam o movimento e o qualificavam como “oportunismo eleitoreiro petista”. Depois disso, foram até o microfone na intenção de fazer um ato na câmara contra a ocupação da mesma.

O natural era de se esperar que os militantes petistas fossem os mais indignados com essa atitude e tentassem inviabilizar tal ato. O que aconteceu foi algo bem mais generalizado, expressando a solidariedade mecânica que se estabeleceu ali (DURKHEIM, 1978). Todos os militantes que estavam em volta, de movimentos variados, formaram uma massa de acossamento (CANETTI, 1995) e, aos gritos, expulsaram o grupo adversário do local, um acontecimento que pode surpreender muitos que escutavam o discurso do grupo de ser “democrático” e “plural”.

Considerações Finais

A convergência, a hiperconectividade, bem como o acesso aos dispositivos *mobile* e às mídias sociais favorecem novas formas de organização da sociedade contemporânea, comprovando que a cultura colaborativa vai além da questão tecnológica, contemplando, ainda, aspectos culturais e sociais.

Munidos de equipamentos e tecnologia que propiciam essa hiperconectividade, manifestantes de movimentos sociais, como o #foramicarla, aqui estudado, ganham voz e representatividade, além de um alcance muito maior de suas causas.

Há, no entanto, uma disjunção entre os aspectos sociológicos e antropológicos. Vemos que o movimento é bem sucedido, mas percebemos que essa adesão se dá de forma muito mais discursiva do que estrutural. Os manifestantes sabem que essa nova forma de manifesto funciona, mas não parecem entender, exatamente, o porquê.

Apesar de se enquadrar como um movimento de vanguarda, no aspecto macro, a manifestação, nos seus aspectos mais cotidianos, muitas vezes recaiu em um discurso ultrapassado, como a nomenclatura TV #Xôinseto, utilizada para denominar as transmissões

das atividades dos manifestantes acampados, que invoca um mecanismo claramente herdeiro da forma de organização do segundo espírito do capitalismo (BOLTANSKI, 2002, p. 06). Assim, a tecnologia que poderia permitir interatividade, ou pelo menos, uma comunicação bidirecional, foi apropriada pelos manifestantes como se fosse um meio de comunicação massivo.

O grupo de manifestantes do movimento #foramicarla pode ser considerado plural, mas nem tanto. Isso mostra o papel que uma consciência mecânica de grupo promove na mente das pessoas, fazendo com que as mesmas se comportem de uma forma como não se comportariam se estivessem sozinhas ou praticando uma ação reflexiva, confrontando sociabilidade e política. Esses “desvios” têm que ser levados em consideração na hora de se fazer uma análise dos posicionamentos políticos tomados pelo grupo, que podem ser de natureza política ou não.

A sensação de pertencimento, incrementada pelas características das redes sociais, fortalecem o senso de cidadania e das solidariedades orgânicas, que se referem ao coletivo de forma monolítica quando eles professam a ideia da organização em rede. Mesmo assim, pode-se dizer que o espaço cibernético serviu de ágora durante o movimento #foramicarla e as mídias sociais utilizadas pelos manifestantes, em especial o *Twitter* e a *Twitcam*, promoveram uma mobilização social híbrida, *on/offline*, e uma prática política contemporânea, que podemos chamar de cibercidadania.

Referências

BARRETO, F. Mídias sociais e mobilização social. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. E-book, abril de 2011. p.162-165.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **The new spirit of capitalism**. Conference of Europeanists. Chicago, 2002.

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

CANETTI, E. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, L. Mídias sociais e coberturas participativas. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. 2011. p. 101-106.

DURKHEIM, E. **Durkheim**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção os pensadores).

FERNANDO, C. Mídias sociais e mobilidade. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. E-book, abril de 2011. p. 39-42.

FERRARI, P. Mídias sociais e narrativas digitais. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. E-book, abril de 2011. p. 93-96.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras e híbridos: Palavras-chave para uma antropologia transnacional. In: **Mana** (3/1). Rio de Janeiro: Contracapa, 1997.

GIARDELLI, G. Mídias sociais e mercado de agências. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. E-book, abril de 2011. p. 57-60.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. (Trad. Ana L. de Oliveira & Lícia C. Leão). São Paulo: Editora 34, 2000. (Coleção TRANS).

_____. **As três ecologias**. (Trad. Maria C. F. Bittencourt). Campinas: Papirus, 2002.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. (Trad. Susana Alexandria). 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVY, P. Pela ciberdemocracia. In: MORAES, D. (org.) **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. Dinâmica das cidades inteligentes. Manifesto por uma política molecular. In: **A inteligência coletiva**: Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. (Coleção TRANS).

LIMA, W. Mídias sociais conectadas e social machines. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. E-book, abril de 2011. p. 24-26.

LOUREIRO, T. Mídias sociais e buzz. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. E-book, abril de 2011. p. 79-81.

MAGENTA, M. Inspirada nas revoltas árabes, Natal vive "primavera potiguar". Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=44672>. Acessado em: 20.07.2011.

NEVES, A. V. Espaços públicos e práticas políticas: os riscos de despolitização da participação da sociedade civil. **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. UFSC: Florianópolis, 2007.

OLIVEIRA, R. M. Tecnologia e subjetivação: a questão da agência. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, v.17, n. 1, Abril, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822005000100008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 27.07.2011.

OXFORD Dictionary of Sociology. Disponível em:

<<http://www.enotes.com/oxsoc-encyclopedia/panopticon>>. Acessado em: 31.07.2011.

RECUERO, R. A nova revolução: as redes são a mensagem. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. E-book, abril de 2011. p.14-16.

SALLES, C. A. Processo de criação nas mídias. In: CARAMELLA, E.; NAKAGAWA, F. S.; KUTSCHAT, D.; FOGLIANO, F. (org.). **Mídias**: multiplicação e convergências. São Paulo: Senac, 2009. p. 137-146.

SPECK, F. Mídias sociais e TV. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. E-book, abril de 2011. p. 117-119.

TERRA, C. Mídias sociais e universo corporativo. In: BRAMBILLA, A. **Para entender as mídias sociais**. E-book, abril de 2011. p. 86-88.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

VELLOSO, Ricardo Vianna. O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008.

¹ Fernando Vicente Alves Belarmino de Macedo é graduando em Ciências Sociais pela UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É bolsista do programa de educação tutorial do curso. Desenvolve pesquisas na área de antropologia da globalização.

² Lucimara Rett é publicitária, Doutora em Comunicação pela Umesp e Professora Adjunta no curso de Comunicação Social da UFRN. Integra os grupos de pesquisa 'Imagem, Mercado e Tecnologia' (UFRN) e 'Mídia, Cultura e Memória' (Unip). Tem como foco de pesquisa, tanto a cibercultura e a convergência das mídias, como a regionalização e o desenvolvimento do mercado publicitário.

³ Maria da Graça Silveira Gomes da Costa é estudante do Bacharelado em Ciências Sociais da UFRN e da formação em Psicologia pela UnP – Universidade Potiguar, bolsista de Iniciação Científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, gênero e sexualidade da UFRN.

⁴ O nome do bloco faz referência à imagem da borboleta, usada pela prefeita durante sua campanha eleitoral pelo Partido Verde (PV).

⁵ Plataforma de transmissão *online* da *webcam* de um computador via *Twitter*.

⁶ Onda de protestos ocorridos a partir de dezembro de 2010 no Oriente Médio e Norte da África articulados majoritariamente através de mídias *on-line* como *Youtube*, *Facebook* e *Twitter*.

⁷ Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=44672>.

⁸ "Michel Foucault discussed the idea at length in *Discipline and Punish* (1975) and describes the panopticon as an apparatus of power by virtue of the field of visibility it creates. Because it made inmates always conscious of being visible, he argued, an automatic functioning of power was ensured" (OXFORD, s/d, *online*).

Michel Foucault discutiu a ideia à exaustão em *Vigiar e Punir* (1975) e descreve o panóptico como um aparato de poder, em virtude do campo de visibilidade que ele cria. Devido ao fato do panóptico tornar os encarcerados sempre cientes de estarem visíveis, ele argumenta, um mecanismo de poder automático é assegurado [tradução nossa].

Disponível em: <<http://www.enotes.com/oxsoc-encyclopedia/panopticon>>.